OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2$000	Trimestre ou 6 numeros $650
Semestre ou 12 numeros	1$500	N.º avulso ou pago á entrega $120

ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 24 numeros	3$000	Semestre ou 12 numeros .... 1$500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 1

1 DE JANEIRO 1878

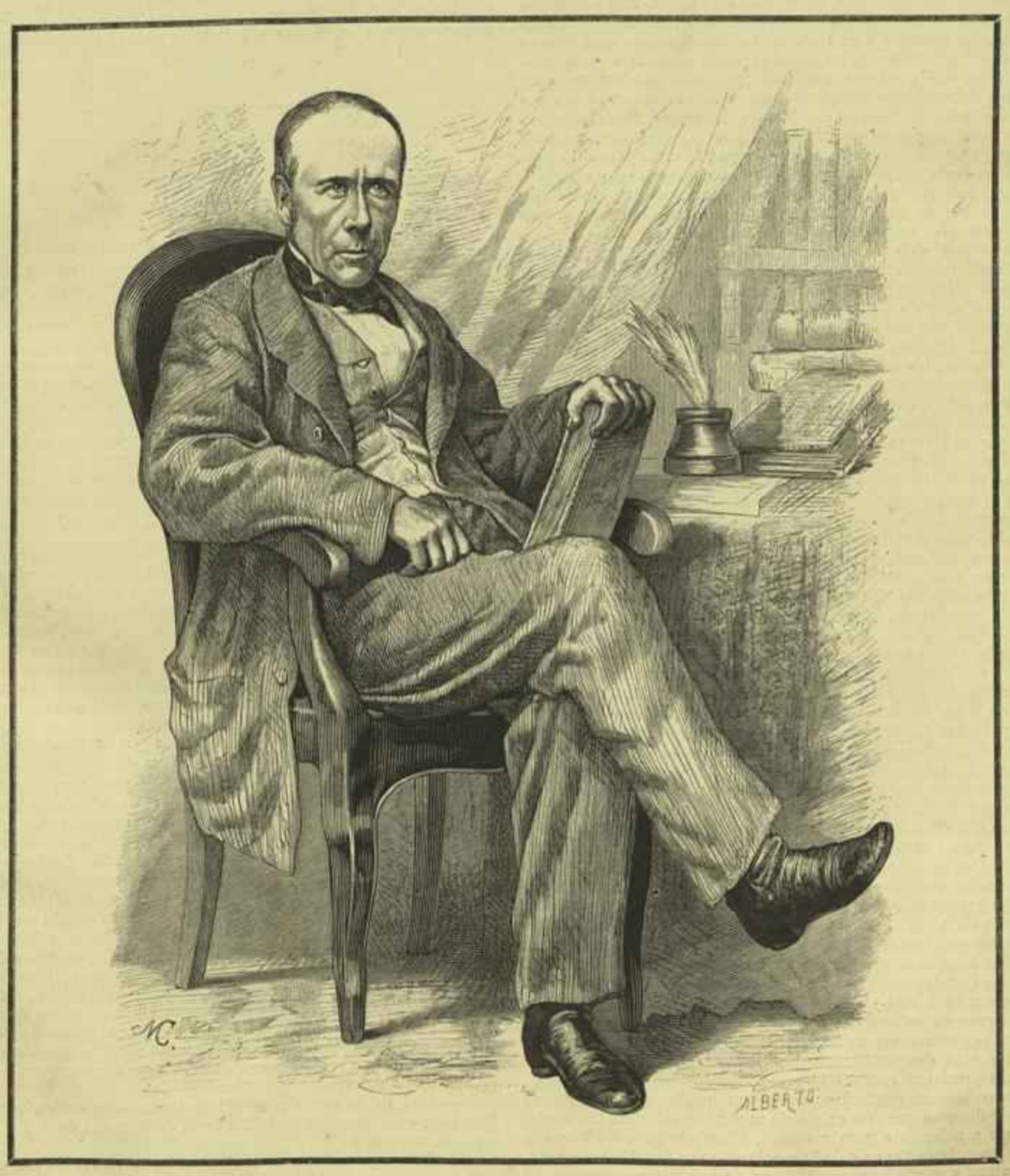
REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA



A. Herculano

SUMMARIO

TEXTO. — Alexandre Herculano, por Antonio Ennes — Uma lição de historia, por Pinheiro Chagas — As nossas gravuras — O rei absoluto, por Bento Moreno — A expedição geographica portugueza á Africa austral, por Luciano Cordeiro — Phantasia sobre Lisboa, por Charles Monselet — Chronica occidental, por Guilherme de Azevedo.

GRAVURAS. — Alexandre Herculano — Membugalho Pataburro na tavolagem do Besteiro — Casa na quinta do Valle de Lobos — Egreja da Azoia de Baixo — Tumulo onde foi depositado o cadaver de Alexandre Herculano — Enigma.

ALEXANDRE HERCULANO

Ha mais de tres mezes que Alexandre Herculano trocou o seu primeiro jazigo, Valle de Lobos, pelo mais cerrado e humilde da Azoia, e a indifferença publica, que elle requestou vivo, ainda não ousou guardar-lhe o nome n'esse archivo, verdadeiro limbo, das glorias nacionaes, que os portuguezes não mostram conhecer senão quando o inculcam, mais por jactancia do que estimação consciente, a algum visitador estrangeiro. Ainda se falla d'elle; por excepção arrefeceu mais depressa o seu cadaver do que as lagrimas que o banharam; o luto excedeu o prazo da pragmatica do *self-respect*; porfia-se em disputar o grande homem ao silencio e anniquilamento da morte, retratam-n'o os lapis e buris, os biographos refazem-lhe a vida, os criticos desprendem-lhe a alma dos livros, e d'este lavor da admiração e da saude vae felizmente surdindo um monumento, o unico digno d'elle. Os monumentos consagrados ao genio devem ser feitos do espirito. O mais crescido e perduravel pedestal de Camões é a *collecção camoneana*. O estudo dos posteres sobre os escriptos e os feitos dos varões illustres é que os conserva vivos e alevantados das suas mesmas cinzas. Não deixemos pois, nós, discipulos, parar a vida posthuma que começou para o mestre, suspender-se a obra do templo que lhe vae crescendo sobre a sepultura. Estudemol-o para nós, expliquemol-o ás multidões, exponhamol-o como modelo e exemplo, e assim reconheceremos a divida nossa e da patria, não já pretendendo pagal-a com moeda de bronze ou marmore, como se fosse encargo, mas antes augmentando-o, como beneficio que não pésa á gratidão.

Herculano tem sido saúdado como artista, historiador, philosopho, polemista athletico: só pretendo agora reverencial-o como homem honrado. Este titulo não vale menos que aquelles, e a superioridade do solitario de Valle de Lobos consistiu em reunil-os todos. Uma intelligencia que tudo pode, associada a uma consciencia que só permitte o bem, são tres prodigios: o terceiro é essa rara associação. A força intelligente, observou o proprio auctor da *Historia de Portugal*, tem natural tendencia para abusar; para abusar sacudindo todos os jugos e todas as leis, a começar pelas da moral, e pretendendo cobrar da sociedade tributos usurarios. Custa muito a ser aguia e não descer para regallar as garras na fofa lã de mansos rebanhos; a ser aguia, poder fitar o sol, e não apagar com um revez d'aza as tremulas fogueiras que defendem os redis. Os fortes costumam ter apettites vorazes. Quem muito dá, usa querer receber muito. Os privilegiados pela natureza exigem vulgarmente privilegios sociaes: mais direitos e menos deveres. Se são grandes, que lhes importa serem bons? se são admirados, que lhes vale serem estimados? a que monta que o astro do dia tenha manchas, se os seus feixes de luz deslumbram? E é raro, rarissimo, que um talento poderoso não sinta como necessidade imperiosa, como reclamação da consciencia, como condição de seu mesmo poder, a paixão de *dominar*, o desejo phrenetico de dilatar a personalidade, subordinando-lhe um paiz, impondo-a a uma epoca.

Pois bem: o primeiro escriptor portuguez da edade moderna deu o exemplo de sujeitar um espirito gigante, e, o que mais é, uma energia indomavel, ao theor de vida rigidamente pautada pela moral publica e pela moral privada. Confirmou a sentença de que o sabio com pouco se contenta, e a sua aristocracia intellectual ageitou-se ao estojo das virtudes burguezas. Nunca houve mais robusta vitalidade com menos necessidades. Este numero do Occidente retrata a casa, paraizo de singela ambição, em que viveu, e o tumulo em que quiz jazer: são dois traços vigorosos da sua physionomia moral. Algumas arvores viçosas, ornatos da natureza, eis a gala, e pompa d'essas habitações da vida e morte! O palacio de Thiers é uma cartonagem preciosa; Castellar passeiou a sua eloquencia a galope de quatro pomposos corseis; as musas de Byron e Lamartine eram servidas em baixella d'ouro; Bismarck tem tanta fome de riqueza quanta sede de dominar: estes illustres sybaritas quiçá se offenderiam se vissem o desagasalho escholastico e a semceremonia campesina em que Herculano alojava o genio! Se elle nem parecia meridional! E tinha o coração simples como a casa, franco como ella e só mais quente. E era tão estranho á sua alma honesta o luxo de paixões sensuaes em que não raro se refastella e se inspira a phantasia de poetas e artistas, quanto reluctavam as branduras tepidas do luxo material á sua febre rija e sã de portuguez antigo: a virilidade do talento de Herculano não precisava estimulantes.

Tal era o homem particular: como um quadro que dispensava moldura. Pode dizer-se que não exigiu do mundo social senão liberdade, liberdade para a sciencia e para a crença, liberdade para ser honrado e puro. E o que poderia ter exigido? Imaginem-se as faculdades creadosas de Herculano e a sua implacavel força de vontade empregadas em saciar uma ambição pessoal: que escada de poder não galgaria elle d'um salto, a que grandezas se não remontaria, que aferrolhadas portas de palacio ou templo resistiriam ao seu hombro herculeo? Se nada quiz do que ambicionam, solicitam, usurpam, furtam ainda os homens mais eminentes entre os vulgares, ou é grandiosa a sua renuncia ou é mesquinha e vil a ambição. Houve, porém, quem arrojasse pedras ás vidraças do seu cremiterio, chamando cá para fóra o profugo: foi um sacrilegio, porque o cremiterio não era o egoismo, era a probidade, era a austeridade da consciencia. Herculano estava em desaccordo com a epoca, e se não se houvesse encerrado na consciencia, haveria de impôr-se ou de transigir, no primeiro caso seria rebelde emquanto luctasse e tyranno se vencesse, no segundo seria miseravel. O egoismo aconselha, em taes collisões, a transigencia, e costuma ser attendido, porque poucas almas ha tão opulentas que bastem a si mesmas e possam passar sem a sociedade para as aquecer e animar; a do solitario de Valle de Lobos, porém, era d'estas, raras e santas. Absteve-se, pois, da transacção, como infame, e da acção, como impossivel, e ha a lastimar tão sómente que deixasse descançar e adormecer a intelligencia, depois de lhe ter despido as armas. O tumulo das ambições podia ter sido altar da arte. Suicidar-se o espirito é exaggerar o heroismo de Catão.

A vida de Alexandre Herculano, particular, e publica, é pois um dos seus livros mais conceituosos e de mais pura moral. Os caracteres austeros são mais raros e mais meritorios do que os talentos brilhantes, tantas vezes nocivos. Viver como anachoreta nos jardins encantados na nossa civilisação sensual, ter ao alcance da mão fructos de oiro e flores balsamicas e não lhes tocar, só porque os defende o anjo invisivel da consciencia, é o maior triumpho da alma sobre si mesma e do homem sobre a sociedade. Esse triumpho foi talvez a verdadeira ambição de Alexandre Herculano, e a unica em que se empenhou o seu nobre orgulho: oxalá que o imitassem todos os ambiciosos e todos os orgulhosos!

Antonio Ennes.

UMA LIÇÃO DE HISTORIA

(DIALOGO ENTRE 1877 E 1878)

Eram onze horas da noite do dia 31 de dezembro de 1877. Sentados n'um dos vastos salões da Eternidade, conversavam dois sujeitos, um de idade avançada, com as longas barbas brancas tradicionaes, outro juvenil e imberbe.

— Já que nos foi dado, dizia o mais novo, conversar aqui um momento, antes de eu entrar a exercer as minhas funcções, peço-lhe, meu caro collega, que, informando-me rapidamente dos acontecimentos que se passaram na terra durante o seu reinado, ou que por qualquer forma possam illustrar a minha inexperiencia, me habilite a encaminhar-me n'esse mundo que eu não conheço.

— Foi fertil de acontecimentos, fertil sobretudo de lições o tempo durante o qual eu exerci na terra o supremo poder, amigo e collega 1878, respondeu o velho 1877 abanando melancolicamente a cabeça. Como eu me estreiei! Ouvio sem duvida fallar da acclamação da rainha Victoria como imperatriz das Indias?

— Não!

— Ah! foi maravilhoso! Imagine em Dehli um vasto acampamento, uma scena das *Mil e uma noites*. De um lado os rajahs constellados de pedras preciosas, os elephantes com os seus arreios de oiro e prata, os palaquins de seda, as cachemiras enroladas em turbante na fronte dos principes, os diamantes a resplandecerem nas plumas, a purpura a chispar reflexos vermelhos ao sol do Indostão como um tecido de rubins, as tendas de setim e sandalo, as bandeiras bordadas a perolas; de outro lado os dolmans vermelhos com alamares doirados, o aço brilhante dos canhões, a locomotiva a cortar o espaço com o seu galope de fogo, o telegrapho a transmittir instantaneamente á Inglaterra, a descripção das festividades indianas; de um lado todas as magias do velho Oriente, do outro todos os prodigios da civilisação moderna; de um lado os tecidos maravilhosos bordados pelas mãos aéreas das fadas, de outro os mechanismos admiraveis forjados pelo braço da machina, essa fada que brotou das meditações da sciencia, como as *péris* e as sylphides antigas dos sonhos da phantasia; de um lado os principes vaporosos, sustentados de compota de rosas e de fructos perfumados, fanaticos e voluptuosos, do outro os coroneis vermelhos, sustentados de *roast-beef* e de *plum-pudding*, positivos e musculosos; de um lado as almêas bronzeadas, de olhos negros e profundos, de pés nús com anneis de prata nos artelhos, do outro as *misses* pallidas e loiras, de olhos azues, e mãos apertadas na fina luva aromatisada, as filhas da natureza e as filhas da civilisação; e todo este conjuncto maravilhoso, que parecia ter brotado de uma das ordens da lampada de Aladino, esta visão esplendida, este mundo radioso e opulento, que parecia ter deixado ermas de brilhantes as minas de Golconda, de oiro as areias do Pactolo, e de pérolas os mares de Ceylão, saudava n'um grito unanime de enthusiasmo e de alegria, como sua nova imperatriz suzerana e sultana, a rainha de Inglaterra!

— Oh! devia ser admiravel! exclamou com enthusiasmo 1878. Que paiz esse, meu amigo! E' a terra de Cocagna de certo! Como deve ser venturosa a India!

— Está enganado, meu amigo! a India morre de fome! Caem aos milhares, na terra arida e nua, os indios famintos e desesperados. A mãe não encontra, no seio extenuado, leite com que alimente o filho. Disputando aos animaes a herva magra das planicies, creaturas humanas

vagueiam por essas vastas... infinitas regiões. No horisonte não lhes luz uma esperança, a morte é o unico bem a que aspiram. E a imperatriz das Indias, passeiando melancolicamente nos seus jardins de Balmoral-Castle, manda-lhes pelo telegrapho, como consolação e como alimento, este despacho sentimental: «Ah! se eu podesse mandar para a India a agua que tem chovido na Escocia!» E depois de ter enviado este suspiro telegraphico, janta, e os seus subditos orientaes, depois de o terem recebido... não jantam. Ahi tem o quadro da India, amigo e collega, o esplendor e a fome.

— Pasmoso! pasmoso! exclamou boquiaberto 1878; mas que tem mais a narrar-me?

— As peregrinações... um movimento admiravel! De todos os pontos do orbe catholico milhares de romeiros se dirigem para Roma, onde geme captivo o vigario de Christo. Levam alçado o pendão da cruz, entôam canticos sacros. Vão depôr aos pés do pastor dos pastores o obulo da caridade, a esmola dos fieis, as miseras economias de muito devoto christão que as tirou a custo ao necessario de cada dia. Entram em Roma, e...

— Percebo! percebo! não diga mais, exclamou 1878. Procuram a sombra das catacumbas, onde se refugiavam outr'ora os primitivos christãos, e onde encontrou novo refugio, de certo, a religião de novo perseguida. Furtam-se a custo á vigilancia dos *bersaglieri* de Diocleciano, dos centuriões de Victor Manuel. Penetram emfim no subterraneo onde, á luz dubia de lampadas mortiças, vêem o vigario de Christo prostrado diante de rustico altar, orar a Deus pelos que o perseguem, pedir-lhe que não negue á impia Italia o orvalho bemfazejo, e a seus cégos habitantes as bençãos indulgentes do ceu.

— Não, não, engana-se, porque me interrompeu? Não descem ás catacumbas, sobem as escadas sumptuosas do Vaticano, entre duas fileiras de guardas-nobres, não se furtam á vigilancia dos soldados italianos, reclamam-n'a pelo contrario para salvaguardar a integridade das algibeiras, não encontram o papa prostrado no chão humido dos subterraneos, mas sentado no throno radiante, erguido n'uma sala resplandecente de oiro e sedas, e em cujas paredes brilham os frescos de Raphael. Não ora pelos seus perseguidores, amaldiçôa os que o cercam de attenções e respeito, não implora para a Italia as bençãos celestiaes, invoca os flagellos do Eterno...

— Mas Jesus! interrompeu timidamente 1878.

— Qual Jesus! Jesus é um hereje. Se a Igreja lhe désse ouvidos estava servida. A Jesus sabe o que lhe valeu? Foi ser elle proprio o Christo, porque, se, em vez de tomar essa precaução, tivesse de ser vigario de si proprio, n'um conclave bem ordenado, não apanhava um voto. Jesus nem sabe o que lucrou em ter vindo tão cedo. Da companhia de si mesmo era elle com toda a certeza excluido como o padre Curci. Os judeus crucificaram n'o e, se os inquisidores o apanhassem, faziam-lhe peior, queimavam-n'o. Jesus tem maximas subversivas, Jesus é desordeiro e revolucionario. Nas eleições francezas era muito capaz de votar por Gambetta, e a respeito das relações entre a Igreja e o Estado estava de certo muito mais de accordo com Cavour do que com Pio IX. Jesus está com as bullas do pontifice, como os reis constitucionaes com as portarias dos ministros. Manda Sua Magestade El Rei... o rei sabe tanto d'isso como Jesus das bullas.

— E' estranho! murmurou 1878. Mas o obulo em que me fallava, as dadivas dos peregrinos, esse dinheiro caindo no gazophilacio do Vaticano sáe de lá certamente em chuva abençoada sobre os necessitados e os miseros. O vigario de Christo, humilde entre os humildes, considera-se não o possuidor, mas o depositario da esmola que o mundo catholico lhe offerece. As mãos do santo pontifice, como as da rainha santa da lenda, mudam de certo o oiro da esmola nas rosas da caridade. Onde geme a pobreza lá vae cair de certo o obulo do Vaticano.

— Sim, o vigario de Christo não olvida os pobres. Serve-lhe esse oiro, que representa muitas vezes o trabalho dos fieis, para dar...

— Sustento aos famintos da India?

— Não, adereços de diamantes á rainha de Hespanha.

— Medicamentos aos feridos das batalhas?

— Não; pensões avultadas aos cardeaes riquissimos.

— Espantoso! espantoso! mas diga-me o que vem a ser isso da questão do Oriente?

— A Bulgaria jazia opprimida e martyrisada aos pés do sultão dos turcos. Em toda a extensão d'aquella infeliz provincia commettiam-se atrocidades sem conto. As mulheres iam povoar os harens de Constantinopla, os homens eram degolados pelos yatagans dos bachi-bozouks e as creanças orphãs pediam debalde protecção e amparo aos seus tyrannos. Escravos dos crueis ismaelitas, não podendo servir-se do idioma de seus pais para reclamar justiça perante os cadis despoticos, vendo o melhor dos seus rendimentos ir-se engolfar no abysmo dos cofres do sultão, os Bulgaros, que escapavam aos soldados irregulares, não escapavam aos agentes do fisco, e os que escapavam com vida escapavam em camisa. Então o czar de todas as Russias levantou a sua voz poderosa, as forças do immenso imperio caíram sobre a Turquia. Debalde o sultão prometteu reformas, debalde abriu um parlamento, o habil Gortschakoff percebeu que tudo isto era mentira, e os cavalheirescos moscovitas atravessaram o Danubio, como os cavalleiros andantes de outras eras, para soccorrer e desaggravar a Bulgaria violada pelos refêces osmanlis. Como a rainha Victoria suspirou telegraphicamente da Escocia para a India, assim o czar Alexandre chorou sobre os padecimentos dos Bulgaros no seio da agencia Havas. E os seus cossacos selvagens e heroicos, os seus granadeiros intrepidos, os seus rapidos uhlanos, os seus caçadores do Caucaso, os seus atiradores da Siberia, os seus hussards brilhantes, commandados por uma turba de grãos-duques de differentes idades, uns barbados como uns popes, outros imberbes como umas freiras, todos brancos como o Neva em janeiro, altos e impertigados como uns pinheiros de Novgorod, arrojaram-se sobre a Turquia. Tremeu a terra com o rodar dos canhões, cruzaram-se nos ares as bombas luminosas e mortiferas, accenderam-se as collinas com o crepitar da fusilaria, resoaram as profundas gargantas dos Balkans com o galope dos cavalleiros de Gourko, Skobeleff, brilhante como Murat, crestou ao fogo da batalha os seus uniformes esplendidos, Krudener supportou na sua decrepitude, com uma firmeza estoica, as amarguras da derrota, Totleben expoz ao acaso da guerra a sua velha fama de Sebastopol, e as epicas batalhas desenrolaram por montes e valles as suas estrophes sanguinolentas, ao som estridente d'este lemma sublime: Libertemos a Bulgaria!

— Ah! como isso é bello! bradou 1878 levantando-se com enthusiasmo! Como alegra o coração ver em pleno seculo XIX resurgirem ainda esses antigos enthusiasmos, essas generosas pugnas! E os Russos libertaram os Bulgaros, não?

— Libertaram-nos da camisa que os Turcos lhes tinham deixado. A Bulgaria teve a suprema ventura de ser barbeada pela Turquia e escanhoada pela Russia. A Turquia levou-lhe as mulheres, a Russia arrazou-lhe as casas. A Turquia tirava-lhe o dizimo das colheitas e a Russia levou-lhe o resto. Os mais felizes, se tinham a desventura de receber em sua casa um general turco, no dia seguinte consolavam-se sendo postos na rua para darem logar a um general russo que queria estar á larga. Os habitantes de Plewna soffriam, é certo, as exacções de Osman-pachá, mas não tardavam a sentir um jubilo infinito apanhando em casa com uma bomba russa, que os libertava... da vida.

— Incrivel! incrivel! Mas falle-me da França. Dizem-me que é republicana. Coitada, o que terão lá feito aquelles doidos dos da esquerda?

— Não estão no poder. Quem governa é um velho marechal imperialista, homem de ordem, como sabe, inimigo da revolução, e vencedor da Communa.

— Ah! felizmente. Então reina a paz e a tranquillidade em França? O jogo regular das instituições assegura o socego áquelle agitado paiz? Está no poder a sensatez e a legalidade?

— Engano, meu amigo! Está no poder a conspiração e a revolta. A França não adormece um só dia, sem perguntar a si propria se no dia seguinte não acordará com barricadas nas ruas... levantadas pelo governo. Não passa um dia sem perguntar a mesma se no dia seguinte não sairá a revolução armada do Elyseu para se dirigir sobre Versailles, como nos dias 5 e 6 de outubro de 1789; se Mac-Mahon, usurpando o papel do revolucionario Maillard, não irá insultar a assembléa, filha do suffragio universal, a soberana da França, no velho palacio da realeza franceza, como o seu antecessor foi insultar nas varandas de Versailles a pallida Maria Antonieta. Lafayette salvou-a então dos revolucionarios da rua, cingindo-lhe o corpo com a banda tricolor, mas a soberana de hoje, que tem 700 corpos, precisa, para se cingir, de kilometros de fita, que um Lafayette qualquer não póde trazer no bolso. E' possivel que, assim como Lamartine teve que defender, contra a bandeira vermelha revolucionaria, a bandeira tricolor, *qui a fait le tour du monde avec le nom, la gloire et la liberté de la patrie*, tenha outro tambem de defender contra a bandeira branca, não menos revolucionaria, o symbolo tricolor da liberdade e da gloria nacional.

— Que me diz, homem, que me diz? E da Hespanha, conte-me da Hespanha?

— Oh! a Hespanha! Prepara-se para festejar explendidamente o casamento do seu rei com a filha do duque de Montpensier... um casamento idyllico, sabe? amavam-se como dois pombinhos. A Hespanha enternecida não sabe como ha de festejar dignamente essa ecloga monarchica. Os homens de Alcoy e Carthagena pensam em ir todos, de cajado ornado de fitas, e com flôres na cabeça, cantar nas salas dos paços do Oriente os autos de Juan de la Encina. Castelar está compondo uma imitação do *Hermann e Dorothéa* de Goethe, intitulado *Affonso e Mercedes*; Sagasta afina o arrabil; o duque de la Torre e D. Adelardo Lopez Ayala ensaiam um bailado allegorico intitulado *As Bucolicas de Alcolea*. A Hespanha está-se a babar toda, e as suas mãos generosas deitam as pesetas pelas janellas fóra para saúdarem condignamente este regio enlace, a que só faltou o annuncio do *Diario de Noticias* para ter todos os caracteres de um namoro de janella. Torneios, pennas de diamantes, dotes de milhares de pesetas a milhares de pessoas, vinho a correr em ondas das fontes nas praças publicas, uma prodigalidade assombrosa!

— Ah! ainda bem! Isso mostra o estado florescente da Hespanha. Estão altos os fundos, não?

— Não! A Hespanha é possivel que faça o que deve, mas com toda a certeza deve o que faz, e nem ao menos dá bilhetes gratuitos de ida e volta aos possuidores de fundos hespanhóes, para irem vêr em Madrid, nos fogos de artificio, arder o seu dinheiro.

— E' singular! E Portugal?

Uma rajada de ar frio penetrou pela fisga de uma porta, e o anno de 1877 foi salteiado por um longo accesso de tosse. Ainda elle tossia, quando o relogio do Tempo deu meia-noite.

1877 desappareceu por um alçapão, e 1878, pallido e atrapalhado, fez a sua entrada na scena do mundo.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

MEMBUGALHO PATABURRO NA TAVOLAGEM DO BESTEIRO

Este quadro de composição desenhado por Manuel de Macedo sobre um dos capitulos mais interessantes do Monge de Cister — *Villões nós, ruins vós*, — representa o acto da leitura dos «artigos de cortes por parte do povo» feita por Membugalho perante os cavalleiros reunidos na tavolagem do Besteiro. Não só n'este immortal romance mas em todas as obras do eminente historiador, e em geral na nossa historia, se encontram a cada passo episodios commovedores, cheios de interesse e de movimento, proprios para tentarem o estudo e a imaginação do artista.

O quadro desenhado por Manuel de Macedo, expressamente para o Occidente, representa além d'uma homenagem ao romancista e ao resuscitador de tantas figuras da nossa galeria historica, uma tentativa digna de ser imitada.

Sempre que fôr possivel, o Occidente consagrará uma das suas paginas a estas resurreições historicas, procurando assim iniciar, em singelas tentativas, o gosto por este genero de trabalhos, que fazem hoje lá fóra a gloria de tantos artistas celebres.

MEMBUGALHO PATABURRO NA TAVOLAGEM DO BESTEIRO

Alexandre Herculano, *Monge de Cister*, cap. XII — «Villões nós, ruins vós!» — (Desenho original de M. Macedo)

A CASA NA QUINTA DE VALLE DE LOBOS

Aonde morreu Alexandre Herculano

Valle de Lobos é um sitio ermo e triste, povoado de olivedos, a sete kilometros de Santarem, nas proximidades do logar da Azoia de baixo.

Não tinha lenda até hoje Valle de Lobos. A natureza era ahi um pouco agreste e a vida dos camponezes, nos raros casaes que povoam as encostas adjacentes, assombreadas pelo verde-negro das oliveiras, pacifica e sem commoções. Alexandre Herculano comprou a quinta que tira o seu nome da localidade, e depois de reconstruir a modestissima casa de habitação e as officinas agricolas, começou a desbravar e a cuidar os terrenos que a circundam. D'um valle triste, pedregoso e improductivo, fez uma varzea alegre, abundantemente atapetada de relva; d'uns olivedos, negros, irriçados e carcomidos — arvoredos copados, fartos e viçosos.

N'aquella singela habitação rural que arremeda uma choupana, deslisaram em paz os ultimos annos da vida do historiador. Os traços severos d'aquella poderosa physionomia casavam-se bem com a rusticidade simples da moradia.

A EGREJA DA AZOIA

Nada mais tocante na sua simplicidade do que uma egreja d'aldeia! A da freguezia d'Azoia de Baixo, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, distante um kilometro da quinta de Valle de Lobos, tem a physionomia singella e recolhida dos presbyteros ruraes.

E' junto da porta da egreja d'Azoia, representada na nossa gravura, que se acha o tumulo aonde um modesto cortejo conduziu, na tarde de 15 de Setembro de 1877, os restos inanimados d'Alexandre Herculano.

TUMULO ONDE FOI DEPOSITADO HERCULANO

O Occidente consagrando todas as gravuras do seu primeiro numero á memoria d'Alexandre Herculano, como uma homenagem de respeito publico, não podia esquecer o tumulo aonde descançam os restos do historiador eminente.

Esse tumulo pertence a um antigo amigo e vizinho de Herculano, o general Pedro Vieira Gorjão, que já alguns annos antes tinha precedido o author do *Eurico* na occupação da triste jazida.

CASA NA QUINTA DE VALLE DE LOBOS AONDE MORREU ALEXANDRE HERCULANO

13 de setembro de 1877 — (Segundo uma photographia do sr. J. Rodrigues da Silva)

A gratidão nacional deve por certo ao author da nossa *Historia* e de tantas obras primas um monumento condigno: em quanto, porém, o não levanta, o modesto tumulo junto á porta da egreja da Azoia deve ter aos nossos olhos as proporções colossaes das cryptas realengas.

O REI ABSOLUTO

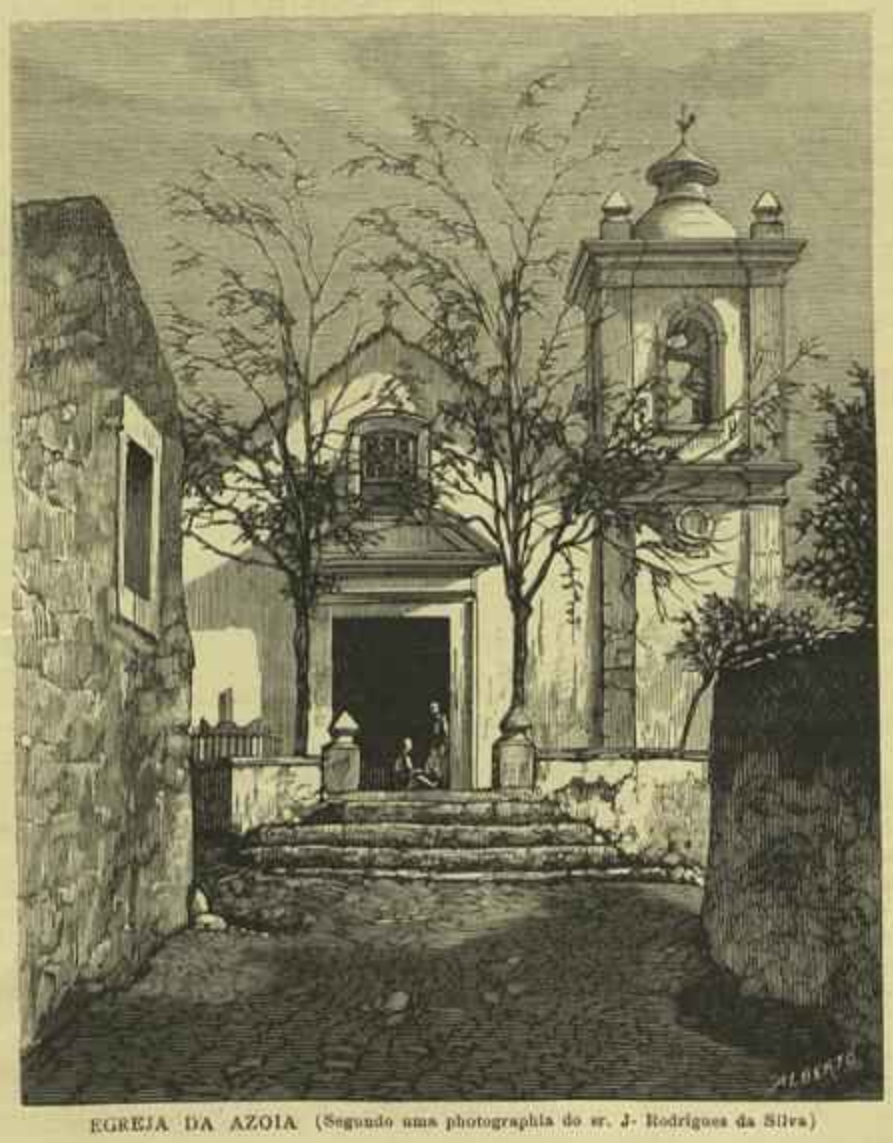
POR

BENTO MORENO

Emilio era uma creança robusta, que tinha as pernas grossas, os braços grossos, o pescoço firme, o olho penetrante, travêsso, audacioso. As suas pestanas finas, grandes, ramudas sombreavam-lhe as pupillas negras; as sobrancelhas espessas, fortes, unidas, aproximavam-se irriçadas, nos momentos de colera infantil, como o dorso d'uma hyena.

Quando já tinha quatro annos e que sentia o poder intimo dos seus musculos; quando principiava a distinguir-se dos outros, a considerar-se pessoa, e que reconhecia, como uma energica qualidade que se impõe, a sua vontade potente, e a sua força capaz de executar, o pequeno Emilio quebrou uma jarra de flôres, atirando-lhe acintosamente com uma pêra, que não queria comer por desejar outra. A mãe castigou-o e elle chorou muito, com perrice, com frenesi, deitado de barriga, batendo no chão com os pés, com os punhos, com a cara, e mordendo no bibe para o rasgar. Convencionaram, calculadamente não fazer caso d'elle, deixal-o chorar quanto quizesse, fatigal-o pelo cansaço; porém esta conspiração passiva enraiveceu-o mais, e mordia nas mãos, batia na cara, na cabeça com o punho cerrado. Quando a mãe com a sua paciencia reflectida, lhe disse, do vão da janella onde costurava, com voz moderada e firme: «deixa que tu hasde-te callar», elle, berrando com mais força, respondeu-lhe: «não hei, não hei, não e não», continuando intencionalmente o seu choro.

Dava uns gritos agudos, estridentes, discordantes, como as vibrações d'uma rebeca desafinada; mas depois, com o tempo, como a mãe prevenira, veio o cançasso, o desleixo, o esquecimento de que estava chorando e decahiu gradualmente n'uma voz mais branda, mais enfraquecida, monotona como o som da ultima badalada d'um sino, que se esgota de quebrada em quebrada. Houve até um momento em que chegou a calar-se; porque no chão, adiante da sua cara, uma



EGREJA DA AZOIA (Segundo uma photographia do sr. J. Rodrigues da Silva)

formiga-operaria andava lidando na remoção d'uma pedra que encontrára no caminho. O pequeno animal, estonteado, perdido das suas companheiras, que formavam um longo fio negro junto da parede, adiantava-se para elle, afastava-se para trás, para a esquerda, para a direita, procurando com uma intelligencia tenaz, um auxilio, alguem que a ajudasse. Por fim vieram mais duas, e então principiou uma lucta obscura, mas profiada e imponente, em que tres formigas removiam uma pedra mais pesada do que ellas, com um nobre esforço cheio de paciencia.

Emilio principiou a interessar-se nos movimentos apparentemente caprichosos dos pequenos insectos. Os seus olhos vivos e animados seguiam com cuidado, com esmero aquelle trabalho das formigas-obreiras, que tombavam a pedra, levando-a na direcção desejada. Callado, de bruços, com o pequeno queixo sobre o punho, observava attenciosamente todos os movimentos, tendo as linhas faciaes n'uma contencção rigida, nervosa, reveladora d'um esforço intimo. A mãe, apreciando incompletamente este silencio de seu filho, disse-lhe com ligeiro ar de triumpho:

— Mas sempre te callaste...

Ao que elle respondeu promptamente:

— Mas vou gritar mais.

E retomou o seu choro com nova energia, com mais vigor. Porém, como viu que a mãe se rira escarnecendo-o, raconheceu-se vencido, mediocre e, cheio de vergonha pela sua imprevidencia, pela falta de tenacidade, fugiu d'ali chorando alto com asperos gritos de raiva.

Foi pelo corredor adiante para a varanda que dava sobre os campos. Era uma larga paizagem com o horisonte recortado pelas alturas das arvores deseguaes. Os altos castanheiros com as suas folhas lenhosas, rijas e d'um verde claro, distinguiam-se dos pequenos carvalhos fortes, atarracados, folhudos e das cerdeiras vistosas, de ramagem espalhada, e d'um verde mais suave.

O pequeno Emilio observou, com a serenidade dos seus grandes olhos negros, todo este conjuncto. A sua physionomia era meia contemplativa, meia raciocinadora. Media, com despeito, a enorme superioridade d'aquellas arvores, pela ostentosa corpulencia com que se destacavam ao longe. Mas depois, por um movimento natural, com uma reacção instinctiva, fez este juizo simples e claro, dando ás suas palavras um tom imperativo com os beiços alongados:

— Tambem eu sou capaz de subir lá cima como o Manuel!

E com o seu pequeno rosto d'uma auctoridade expressiva, ficou a olhar para os campos.

Sentia-se forte como, o Manuel, o creado da lavoura. Nos seus musculos havia uma energia latente, a sua vontade era uma voz de commando, intima, secreta, mas absoluta. Elle podia-se mover, andar, ir buscar uma cadeira, arrastal-a até á varanda para subir, para ver as arvores que estavam nas orlas dos campos, quietas, n'uma immobilidade permanente.

Ao longe viu duas vaccas que pastavam — tinham a cabeça baixa e o pescoço estendido para a herva. De vez em quando moviam, com lentidão, os seus corpos volumosos, dando passadas vagarosas, pousando com segurança os seus pés grossos. Depois, levantando a cabeça de vagar, espalhavam mansamente o seu olhar sereno pelas encostas visinhas e, se viam outras vaccas, mugiam com uma voz triste, vaga, ululante. Um pequeno rapaz de dez annos, forte, sujo e travêsso vigiava as vaccas. Em certos momentos, quando ellas se aproximavam das vinhas, elle enxutava-as, picando-as cruelmente com a sua aguilhada, berrando-lhes alto com energia, com impetos e obrigando-as a tomarem a direcção que desejava.

O pequeno Emilio, da sua varanda, apreciou estes factos com um olhar angelico, meditativo, profundo e conheceu-se intimamente capaz de mandar aquellas vaccas, de andar n'aquella liberdade dos campos correndo, saltando, fugindo, brincando, subindo ás arvores, dando quedas, dando gritos, picando as vaccas...

N'este momento sentiu uma forte necessidade organica de posse, de commando, de ser livre como aquelle rapaz que elle via ao longe, no meio d'um campo, tendo um imperio declarado sobre a vontade d'aquelles animaes possantes que lhe obedeciam resignadamente. Ficou possuido d'uma grande ambição, d'um sentimento dilatador que o tornava energico, audacioso... Desejou possuir todo aquelle mundo que via — as vaccas, os campos, as arvores, as casas, as poças d'agua, os pombos que passavam no ar com o seu vôo rapido. Mas queria possuir *tudo*, mandar em *tudo* d'um modo absoluto, incondicional, incontestavel, e raciocinou d'este modo:

— Se se fosse embora toda *essa* gente... depois era tudo meu!

Essa gente eram os outros, os que possuiam aquellas cousas!

E com as palpebras immoveis, as pupillas fixas n'um ponto indeterminado, as sobrancelhas severamente contrahidas, os beiços alongados como os d'um macaco colerico, o queixo apoiado na mão esquerda, contemplou a grandeza *do mundo que via da sua varanda!*

Por fim, absorvido *na sua idéa de poderio, d'auctoridade*, desceu da cadeira e, callado, altivo, arrogante, foi por um corredor escuro que se abria na sala.

(Continúa.)

A EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA

Á AFRICA AUSTRAL

I

Foi um formoso dia o de 7 de julho do anno que terminou hontem o seu curso de glorias e de luctas; — não um verdadeiro dia de verão lisboeta, cheio de calidez despotica que enlerda os musculos e os animos, mas um soberbo dia, assoalhado e fresco, luminoso e estimulante como certos dias d'inverno.

Uma nortada alegre agitava os ares incendiados e vinha retoiçar em refegas inoffensivas, na superficie azulada do Tejo e nas enxarcias e galhardetes dos navios.

Ia partir o *Zaire*.

O *Zaire* é um paquete da carreira d'Angola, commandado por um bello e intelligente moço que meia Lisboa conhece pelo nome de Tito e que quantos teem feito com elle a viagem d'Africa estimam e festejam pelas suas formosas qualidades d'homem e de marcante.

Seguia no *Zaire* a expedição geographica portugueza que ia como que representar o paiz na gloriosa e dura campanha do desvendamento scientifico dos sertões africanos, ou mais exactamente, partiam n'aquelle navio dois dos tres briosos expedicionarios, e o farto material que elles com admiravel e judiciosa diligencia tinham, n'uns vinte dias apenas, organisado e reunido em Londres e em Paris: inconsciente epigramma á actividade official que consumira triste e prejudicialmente um anno a... decretar que a expedição se fizesse!

Eram os dois, estes:

Alexandre Alberto de Serpa Pinto, havia pouco promovido a major, de capitão de infanteria que era; homem de 32 annos, largamente educado no cultivo e no amor da sciencia; experimentado já nos perigos africanos; cheio d'uma grande e velha ambição de atirar o nome e a vida aos azares d'estas explorações; tendo-se entregue de longa data ao estudo dos complexos problemas com que aquella Sphinx de seculos chamada a Africa Central tem attrahido e esmagado tantos espiritos valentes e generosos. Vae armado de ponto em branco para arrostar com ella este pequeno tEdipo: pequeno de corpo que é breve e fransino, sacudido por uma grande força nervosa, disciplinado duramente nos trabalhos e nas minguas de campanhas reaes, — Serpa Pinto fez, por exemplo a do Bonga, — e de campanhas simuladas sob o impulso da velha preoccupação das campanhas futuras. E' caçador e *touriste*. O rosto anguloso, accentuado e macilento tem o cunho d'um temperamento nervo-bilioso; a palavra ousada e breve; uma inspiração prompta; uma grande tensão das faculdades imaginativas temperada por um espirito d'observacão agudo e disciplinado...

Serpa Pinto tem submettido a uma disciplina de ferro todas as suas faculdades.

Caçador, educou a vista nas subtilezas e difficuldades maiores da arte do tiro: — enfia, sorrindo, uma balla no buraco feito pela antecedente em alvo distante e pequeno.

O estomago supporta-lhe os maiores despotismos, e os musculos as maiores canceiras.

Suppol-o-hão um homem rude, montaraz, retrahido, e hão de espantar-se quando o encontrarem n'uma sala, irreprehensivelmente vestido, com uma luneta d'um só vidro no olho; elegante e amavel; perfeitamente senhor de si; muito á sua vontade no meio das convenções perfumadas e das cortezanias impertinentes do convivio fidalgo.

Um dia, n'uma cidade provinciana, duas senhoras de fóra, que andavam vendo as principaes *curiosidades* da terra, acercaram-se d'um rapaz de jaqueta d'alamares, gorro e cinta, e perguntaram-lhe como poderiam ver certo estabelecimento d'instrucção.

Era uma velha fidalga e sua filha: uma galante menina cheia de belleza e intelligencia.

— «Muito facilmente! — respondeu o moço, — eu vou guial-as se vv. ex.as querem?

E foi com ellas; e entrou por ali dentro como por sua casa; mandando abrir portas, buscar chaves, dar ordens, etc.

A menina olhava desconfiada para o estranho *cicerone* de gorro, que fallava tão correctamente, e parecia estar em tão familiares relações com os mais altos empregados do estabelecimento. A mãe, senhora experiente que viajára muito, observava-lhe porém que o caso nada tinha de extraordinario, que aquella terra era muito concorrida de forasteiros e que por isso não era para admirar que houvesse n'ella *ciceroncs* regularmente educados.

No fim da visita tirou da bolsa meia libra e deu-a ao rapaz. Este sorriu-se, tirou o gorro, e metteu na cinta a moeda.

D'ali a um quarto d'hora eram as damas procuradas no hotel por um moço elegantemente vestido, e que se apeára do melhor trem que se alugava na terra, onde o genero era um luxo perfeitamente excepcional. Entretanto na sala, reconheceram no *dandy* o seu guia de ha pouco, que lhes pedia licença para lhes restituir a gratificação e desculpa pela graciosa illusão em que as tivera.

Era Serpa Pinto. A sua vida de rapaz foi cheia de aventuras e de episodios graves e alegres.

Um dia casou. Esta circumstancia é necessario lembral-a para que se aprecie bem a somma de dedicação e de nobres aspiracões que leva Serpa á Africa.

Serpa Pinto é esposo e pae. Extremoso pae e extremoso marido.

«Se eu não tivesse uma filha» — escrevia-me elle impaciente, quasi desalentado por ver as delongas, — estas costumadas delongas patrias, — que se davam na resolução do assumpto, — «se eu não tivesse uma filha a quem muito amo, não hesitava um momento e organisava a expedição á minha custa, sacrificando para isso a minha fortuna. Assim não o posso fazer, *não o devo fazer*.»

LUCIANO CORDEIRO.

PHANTASIA SOBRE LISBOA

Intitulâmos assim a pagina em que o elegante escriptor parisiense Charles Monselet, traçou as impressões d'uma visita que fez a Lisboa ha 15 annos. Observando furtivamente a cidade, atravez do prisma brilhante da sua phantasia, o notavel escriptor descreve a nossa capital como uma extravagante cidade do paiz dos sonhos, coberta de jardins suspensos como Babylonia!

O que admira que os estrangeiros que nunca nos visitaram digam de nós e dos nossos costumes as cousas mais imprevistas, quando Monselet, observador notavel, demorando-se em Lisboa quatro dias, avista os nossos telhados cobertos de flores, enchendo assim d'orgulho a modesta vegetação a que o nosso povo dá o nome familiar de *arroz de telhado*, ou *uva de rato*?

Mas entretanto em Charles Monselet não ha a censurar o desdem, como em tantos outros que se tem dignado escrever das nossas cousas, sendo de notar que Monselet, é um eminente artista, uma celebridade que não escreve para nos lisongear, mas sim em obediencia á sua phantasia. Depois n'um espirito impressionavel, que violento abalo não deve produzir o aspecto d'um archeiro da casa real, passeiando a sua libré palaciana pelas ruas d'uma cidade burgueza, em pleno dia, a par da multidão trabalhadora, roçando-se pelas paredes, e cruzando solemnemente a sua alabarda com os olhares estupfactos dos forasteiros recemchegados! Basta este contraste para desnortear completamente um espirito delicado, estranho aos costumes do povo que visita pela primeira vez.

Concordemos entretanto que Charles Monselet, contemplando algumas horas Lisboa, atravez do fumo do seu charuto, ao trote d'uma carruagem, soube apanhar em flagrante alguns dos traços mais salientes dos nossos costumes, escrevendo uma pagina que os leitores não deixarão de ler com curiosidade.

«Caro senhor. — A companhia dos paquetes de vapor, fluviaes e maritimos, deve inaugurar a 25 de fevereiro de 1862, o novo itinerario da sua linha de Hespanha, e n'esse mesmo dia o magnifico paquete *Ville de Brest*, que acaba de ser construido em Inglaterra, entrará em serviço. Pensámos que seria de bom agouro para o novo serviço e para o navio, collocal-os sob o patrocinio d'algumas notabilidades *(sic)*, e decidimos fazer em primeiro logar uma simples viagem de recreio, com a qual nos honrariamos se d'ella podesseis aproveitar-vos. O navio partirá de Saint-Nazaire a 25 de fevereiro ao meio dia, conforme o itinerario de viagem junto. Facilmente nos poderemos deter em Cadiz para visitar pelo caminho de ferro, Sevilha e Cordova...»

Seria preciso não ter uma gotta de poesia nas veias para responder com uma recusa a este amavel convite. A companhia tinha egualmente convidado Theophilo Gautier, Francisco Sarcey, Edmundo About, Carlos Habenek, Luiz de Cormenin, Eduardo Pagnerre, Carlos Brainne, Henrique Fouquier, Feliciano Mallefille, todos homens de lettras, todos curiosos, todos *dilettanti*. — Como poude succeder que apenas nos encontrassemos *tres* á hora da partida? A exposição de Londres reclamava uns, diziam-me; outros tinham receiado os caprichos do mar na primavera, e o resto contentava-se com a Hespanha das *Orientaes* e com a Andaluzia dos primeiros romances d'Alfredo de Musset.

Os dois intrepidos confrades com que transpuz o portaló do *Ville de Brest* são Carlos Habenek e Fouquier. Um lindo salão branco e ouro foi posto á nossa disposição: eis uma mesa com tudo que é preciso para escrever, um divan com o necessario para adormecer. A ramagem d'um espésso tapete recama-se debaixo dos nossos pantufos. Os crystaes refulgem sobre as consoles de marmore. N'este salãosinho, mais elegante por certo do que nenhum dos nossos gabinetes de redacção, enegreci eu esta ligeira pagina. Nos primeiros dias tive necessidade de repetir a miudo: «Cadiz! Sevilha! Xerez!» para perder completamente a noção da rua Breda. Auxiliado pelo enjôo, consegui-o quasi.

A nossa primeira estação, depois de tres dias de viagem, foi Lisboa. Um bello sol na plena magnificencia do occaso, fez-nos amavelmente as honras da capital da Lusitania. A foz do Tejo, tão celebrada, é, sendo possivel, superior á sua reputação: é d'um esplendor, d'uma amplitude, d'uma variedade de perspectivas que obrigam a emudecer o sentimental romance que se balbuciava já! A' esquerda o Castello dos Mouros, levantando ás nuvens os seus miranetes phantasticos, uma cadeia de muralhas e de torreões em conversação permanente com os Genios. A' direita, n'um fundo arenoso, prolongamentos de montanhas servindo de refugio, dizem, a populações um pouco selvagens. Ao longe uma centena de mastros picando o vapor purpureo do horisonte, tendo por sentinella avançada a torre de Belem, a ultima palavra da architectura cavalheiresca. — Sabe-se que Lisboa partilha com Constinopla e Napoles a honra de possuir um dos mais bellos portos do mundo. Tambem se orgulha com as suas sete collinas sobre as quaes se espalham n'uma encantadora confusão, tantos palacios, egrejas, jardins e casas pintadas d'amarello, verde, vermelho e azul, que bem as poderiamos suppôr saidas d'uma immensa ecloga pastoril!

Não quero nem posso ser prolixo. Todavia por isso mesmo que tenho pressa, nutro a pretenção de ver com mais nitidez, e de reter com mais força. Tal esboço rapido falla ás vezes melhor á minha imaginação do que certa tela retocada. Muitas vezes quem permanece tres ou quatro mezes n'um logar, acaba por perder a percepção dos detalhes. Apenas estive quatro dias em Lisboa: seria pouco certamente para um historiador, um archeologo, ou um moralista; é bastante para um pintor, ou para um chronista.

Vou, por exemplo, tentar reproduzir a physionomia animada d'uma rua de Lisboa. Escolheremos, se o quereis, a rua do Ouro ou a rua da Prata — dois nomes felizes para uma cidade commercial. A rua parte do Tejo e vae até á collina: é longa, é larga, tem passeios, mas é calçada no centro de seixos um tanto angulosos. As casas teem quatro ou cinco andares, espaçados entre si, pela maior parte são coroadas por uma agua-furtada cujo tecto, formado de telhas d'um vermelho vivo, se revira aos cantos, conforme o uso chinez. Sobre o telhado o vento espalha na primavera sementes que a chuva fecunda, desabrochando depois n'uma suave florescencia. Esta vegetação aerea é d'um effeito graciosamente imprevisto. Os *armazens* — em linguagem portugueza — ostentam menos galanteria: compõe-se cada um d'uma pequena loja estreita sempre aberta, aonde se perfila um mercador silencioso e apparentemente indifferente ás observações do freguez. Este mercador é inevitavelmente um ourives nas duas ruas que nomeio. Mercadora não vi nenhuma, o que é digno de reparo e singularmente desgracioso. A rua é sulcada por pessoas do campo montadas em mulas, por mulheres do povo de capote escuro com cabeção de veludo, por uma quantidade innumeravel de acarretadores d'agua, trazendo ao hombro um barril listrado de verde e côr de laranja, soltando todos os segundos, n'uma nota aguda, este grito: *Agua!* Dois guardas do paço, de calção curto, casaca escarlate atravessada por um boldrié, a alabarda em riste, caminham junto á parede sem demasiada solemnidade. Um negro culpado sem duvida d'algum maleficio, vae escoltado por caporaes da policia de sabre nu. A esquina d'uma egreja, um sacristão amarello e verde, pede para as almas do purgatorio. Eis um enterro: o carro mortuario, conduzido por um cocheiro coberto com um portentoso chapeu de general, vae ornado de vinhetas lacrimosas, cyprestes, mausoleus, tibias em cruz. Um garoto não se desvia entretido com um grilo que conduz n'uma gaiola lilliputiana. — O grilo representa uma das paixões e uma das superstições do povo de Lisboa: vendem-se ás centenas nos mercados, todos inquietos, cantando em grandes caixas, entre as folhas d'alface que lhes servem d'alimento. Ha gaiolas d'um ou dois andares para um ou dois grilos: os operarios penduram-nas nas officinas, ou pregam-nas por cima da porta.

Mas a rua do Ouro, ou a da Prata, não é verdadeiramente a rua original de Lisboa. Em certos bairros aristocraticos e menos frequentados, encontram-se casas revestidas exteriormente d'azulejo, com varandas gradeadas; em outros bairros, principalmente na cidade velha, agrupada em volta da cathedral, tropeça-se com o estylo arabe em toda a fealdade e selvageria. Ali abundam as vielas hediondas, as escadarias viscosas, os buracos prolongando-se na sombra e na miseria os farrapos crueis, conjunctamente com interminaveis bandos de gatos amarellados, magros, sem orelhas. Este lado de Lisboa é muito triste, e como que para lhe completar o aspecto, um incidente lugubre me esperava na vasta egreja de S. Vicente. Apenas entrei apontou-me um dos meus companheiros uma banca de pedra á direita. «Reparae n'aquella boneca» disse-me elle. A boneca era uma creança morta. Parece que as mães pobres teem ainda o costume de expôr os filhos mortos, para que sejam enterrados á custa da egreja. Fazem-se todas as diligencias para as cohibir, mas as tristes chegam com o pequenino cadaver occulto debaixo do capote, espreitam o momento em que tudo está só e fogem depois.

Não demorarei mais tempo as attenções n'este quadro repugnante. Prefiro dizer ao leitor, em conclusão, que tem um brilhante aspecto de grande capital esta Lisboa, tão pouco conhecida dos *touristes*, mesmo dos inglezes. Os passeios assombreados e os jardins, variam o seu caracter monotono; encontram-se até campos cultivados entre dois bairros. Os monumentos são a parte fraca; os estabelecimentos publicos, os theatros, os conventos. Mas o que se pode exigir d'uma cidade quasi inteiramente reconstruida no fim do seculo XVIII?

CHARLES MONSELET

CHRONICA OCCIDENTAL

Os Herminios estão cobertos de neve á hora em que encetamos esta chronica. Cingem nas candidas frontes os alvos véus da innocencia, como as noivas commovidas que se levantam ainda de noite para a cerimonia nupcial, córando um pouco quando a aurora as surprehende no caminho, ou então fazem lembrar um bando de virgens seguindo de mãos dadas para a mesa da communhão do Inverno, aonde Dezembro, o supremo sacerdote do frio, celebra a missa das tempestades!

Por intervenção d'esta imagem singela quer o chronista simplesmente explicar que as cumiadas do seu paiz estão cobertas de gelo — da mesma maneira que os corações — e que o archanjo do defluxo estendendo as humidas azas, scintillantes dos prismas crystallisados da geada, sobre a *praia occidental*, obriga a chronica a ser um quasi nada fria, e algum tanto agreste, no que o referido archanjo procede com a maxima circumspecção, por isso que devendo a chronica ser mais ou menos o pequenino processo da vida social, politica, litteraria, artistica do seu paiz, tem plena obrigação de não se deixar surprehender na sua boa fé, pelo calor das paixões meridionaes.

Que a posteridade saiba quando por ventura algum bibliographo futuro, investigue, para supplicio ou lição dos coévos, os arcanos do Occidente, que houve alguem que escrevendo a zero, fez d'esta infeliz situação thermometrica quasi uma profissão de fé!

Se a chronica quizesse ir além do seu passado, fazendo a critica dos acontecimentos occorridos no anno findo, que abundante manancial de factos não tinha agora ao seu dispôr?

A quantos devancios, a quantos jogos malabares da phantasia, se não prestava essa multidão assombrosa de phenomenos, quer na ordem moral quer na ordem physica, gerados no cerebro do mundo, e transitando depois no azul sereno e apathico do nosso firmamento, para satisfação da nossa curiosidade infantil?

Observámos, por exemplo, no Chiado e na rua do Oiro, expostas na mesma vitrine, juntamente com outras *fanfreluches* da moda, uma phrase e uma flôr, dotadas ambas do condão maravilhoso de adivinhar o tempo. A flôr barometrica e a phrase de Gambetta. Levámol-as para casa, dependurámol-as na sala de jantar, duvidámos d'ellas, discutimos á noite, ao chá, o *submetter-se ou demittir-se* e o preparado chimico, e só depois d'ambas as cousas se imporem á nossa convicção pela eloquencia do triumpho tivemos d'acreditar que a epocha dos assombros está plenamente iniciada no mundo, que o *Tempo* já não caminha a pé, tragicamente, com umas grandes barbas e uma fouce ao hombro, mas sim de caleche tirado por dois hypogriphos — para manter um pouco a tradição mythologica — reclinado no colo da civilisação, como n'um carnaval de Roma, coroados ambos de rosas, agitando os pandeiros da alegria ao tintilar dos guizos d'esta mascarada infrene!

E assistimos, por exemplo, a esta cousa assombrosa e unica. Dois homens, um chamado Totleben, e outro Fremy, um general e um sabio, chegam por processos scientificos diversos, a um resultado quasi identico. A produzir joias de belleza incomparavel. Emquanto Totleben, á força de vigilias e de paciencia, obtem Plewna pelo fogo, Fremy obtem esmeraldas, offerecendo um aos amantes do Oriente, em pedrarias, o que o outro lhe rouba em soldados; justa compensação que sómente não aproveita ao turbante dos Osmalins, que vae assim diminuindo de valor em praças fortes e em joias!

Depois chega o telephone, invenção que está destinada a produzir nas relações sociaes — e sobretudo nas vocaes, uma revolução de muito mais alcance do que a feita pelo telescopio nas relações celestes.

O telephone e Lisboa, ainda verdadeiramente, se não entenderam, tendo havido mesmo da parte do maravilhoso invento de Jorge Bell, uma certa repugnancia em se manifestar á cidade em todo o explendor e pureza de transmissão, como quem prevê que consequencias fataes para o socego do paiz podem advir d'esta descoberta providencial, e, como tantas outras, ao mesmo tempo funesta, por isso que o telephone podendo trazer aos nossos ouvidos o som longinquo d'uma palavra querida, póde tambem trazer-nos os eccos das futuras discordias parlamentares que não promettem ser d'uma sonoridade extrema.

Sob o aspecto mercantil o telephone tem largos horisontes abertos diante de si. Da mesma maneira que possuimos agora a companhia do gaz e a companhia das aguas, poderemos ter de futuro a *companhia lyrica* encarregada de encanar musica para casa do *dilettanti*, colhida directamente da garganta d'oiro da Patti, que d'est'arte poderá cantar em casa para todo o mundo, no conchego do lar, sem os inconvenientes das bronchites e das Nicolinites, sempre prejudiciaes á garganta e ao credito d'uma cantora que alem da celebridade possue tambem um marido. Depois ouviremos, talvez, pelo preço reduzido dos telegrammas, as cançonetas vagabundas de Thereza ou os *couplets* maliciosos da Judic sem perigo da seriedade nacional sossobrar diante das tentações infernaes d'essas bellas mundanas, que dançam nos cerebros enfraquecidos da multidão, como visões extravagantes produzidas pela embriaguez d'um generoso vinho diabolico!

TUMULO ONDE FOI DEPOSITADO O CADAVER DE A. HERCULANO

(Segundo uma photographia do sr. J. Rodrigues da Silva)

Ora emquanto o mundo inventa tanta cousa, não podemos, verdadeiramente, affirmar de nós que tenhamos feito maravilhas. Lisboa submettida a um regimen regular e sentimental de *Traviata* e *Trovador*, como uma pallida filha do romantismo, passeia o seu tedio ao sol das duas horas, e sente frio. E' verdadeiramente a unica cousa que póde sentir sem remorsos, agora que o thermometro está tão baixo. De resto, de quando em quando, somos visitados por algumas celebridades extenuadas, d'essas que fazem o giro do mundo ha um quarto de seculo, escalavradas por todas as ovações, e bafejadas por todos os enthusiasmos: palhaços e comediantes, elephantes e cantores, todos peregrinos da arte, uns com os olhos no firmamento buscando a estrella sorridente da gloria, outros com a tromba nas alturas, farejando um talo de couve!

Não se diga entretanto que Lisboa estaciona, quando a cidade está quasi resolvida a adoptar, para a voz o telephone, e para o pensamento a carta postal. Oh, a Lisboa d'hoje é bem diversa já não só da Lisboa de ha dois seculos, mas tambem da Lisboa de ha quinze annos! Este primeiro numero do Occidente dá um artigo em que Charles Monselet, traçando as impressões d'uma visita que nos fez em 1862, parece antes fallar d'uma cidade phantastica, entrevista nas allucinações d'um sonho d'opio, do que d'uma pacifica cidade do nosso tempo, sem arrebatamentos no espirito e sem barricadas nas ruas. Louvemos entretanto a phantasia do bello espirito parisiense que, occupando-se um pouco de nós, pensou apenas em satisfazer aos seus habitos de *touriste* gracioso, sem d'alguma fórma pensar no habito de S. Thiago.

Em conclusão, a chronica não faz programma porque o Occidente se impoz tambem, de caso pensado, esse preceito. O programma da primeira revista illustrada portugueza, foi escripto ha quarenta e tres annos. Sem mudança d'uma virgula podiam-se hoje estampar no frontispicio d'esta publicação, as nobres e singelas palavras com que se apresentava o *Panorama*, esse semanario em que devia começar a affirmar-se a poderosa physionomia que, por uma coincidencia dolorosa, é exactamente a que hoje occupa a pagina de honra do Occidente.

Guilherme d'Azevedo.

ENIGMA

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Lallemant Frères Typ. Lisboa
6, rua do Thesouro Velho, 6